



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

ISSN 1645-9369

NIGP

Núcleo de Investigação em
Geografia e Planeamento

GEO-Working Papers



NIGP – Universidade do Minho. Campus de Azurém – 4800-058 Guimarães

Tel.: 351-253 510 560 — Fax: 351-253 510 569

geowp@geografia.uminho.pt

<http://www.geografia.uminho.pt/wp.htm>

**“A dimensão do lugar sagrado: ratificando o
domínio da emoção e do sentimento do
ser-no-mundo”**

Zeny Rosendahl

SÉRIE INVESTIGAÇÃO 2008/14

“Geo-Working papers”

Os **“Geo-Working papers”**, editados pelo Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento, são uma publicação científica periódica esporádica com duas séries: Série Investigação e Série Educação. A primeira Série está vocacionada para publicações científicas dos investigadores do NIGP e dos professores visitantes do Departamento de Geografia da Universidade do Minho. A segunda Série destina-se a publicações com um carácter predominantemente pedagógico, orientadas para o apoio às actividades lectivas do Departamento de Geografia da Universidade do Minho. As opiniões e conceitos emitidos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores. Os **“Geo-Working papers”** têm uma edição limitada em papel, sendo publicados em edição electrónica, de acesso livre, no site do NIGP.

Zeny Rosendahl é Professora do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ- desde 1980, e pesquisadora do CNPq. Coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura - NEPEC, que publica o periódico Espaço e Cultura. É bacharelada e licenciada em Geografia, tem os graus de Mestre (UERJ), Doutor (Universidade de São Paulo) e realizou um Pós-doutoramento em Paris IV - Sorbonne - França em 1997/1998. Nos últimos anos tem-se dedicado às pesquisas na área de Geografia da Religião. Tem inúmeras publicações nesta área, destacando-se a coleção Geografia Cultural/EdUERJ, que conta com 13 volumes publicados. Em 2007 participou no *CULT-G I International Meeting in Cultural Geography* na Universidade do Minho.

Ficha Técnica

Título: **Geo-Working papers**

Propriedade e Edição: Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento

Editores: João Sarmento e António Vieira

ISSN: 1645-9369

Número de exemplares: 40

Publicação on-line: www.geografia.uminho.pt/wp.htm

A Dimensão do Lugar Sagrado: ratificando o domínio da emoção e do sentimento do ser-no-mundo¹

Zeny Rosendahl²

Resumo:

A revelação do divino ocorre como uma categoria da sensibilidade que envolve discriminação e ordem. A essência do sagrado é vivenciada, pelo devoto, com sentimento total de dependência, respeito e confiança. Neste artigo analisam-se as formas como o sagrado se manifesta sob forma de hierofania no espaço. Destaca-se neste processo a experiência espiritual do lugar; cuja compreensão singular é marcada por momentos de transcendência, os quais, a cada tempo sagrado, expressam a ordem divina. A religião imprime uma marca na paisagem através da cultura. A prática religiosa – a ida ao santuário, a actividade religiosa, o comportamento dos crentes envolvendo as interações espaciais – representa uma das diversas maneiras pelas quais a religião age sobre pessoas e lugares.

Palavras-chave: Espaço, Religião, Sagrado, Experiência de Lugar.

Abstract:

The divine occurs as a category of feeling that implies order and discrimination. The essence of the sacred is lived by worshippers with a complete sentiment of dependence, respect and trust. In this article the ways in which the sacred manifests itself in space are analysed. In this process the spiritual experiences of place are highlighted. These imply unique understandings of transcendence, which express divine ordering. Religion imprints landscape through culture. Religious practice – going to the sanctuary, religious activity, the behaviour of believers implying spatial interaction – represents one of the various ways in which religion acts over people and places.

Keywords: Space, Religion, Sacred, Experience of Place

¹ Publicado originalmente como “Espaço, Cultura e Religião: dimensões de análise”. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. Muitas alterações foram introduzidas no texto original.

² Pesquisadora CNPq e Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura/UERJ.

O propósito deste artigo é explicar que o sagrado se manifesta sob forma de hierofania no espaço (ELIADE, 1959 e 1962), revela-se como um dom carismático que a pessoa ou objeto possui (WEBER, 1964) e se impõe, por ele mesmo (DURKHEIM, 1968; BERGER, 1985). A revelação do divino ocorre como uma categoria da sensibilidade que envolve discriminação e ordem (DOUGLAS, 1976). A essência do sagrado é vivenciada, pelo devoto, com sentimento total de dependência, respeito e confiança (WUNENBURGER, 1996; OTTO, 1969).

Baseado nestas idéias, como também nas de TUAN (1978 e 1980), CLAVAL (1992) e ROSENDAHL (1997, 2003 e 2005) enfatiza-se a experiência do lugar, a experiência espiritual do lugar. A compreensão singular da experiência do lugar é marcada por momentos de transcendências, os quais, a cada tempo sagrado expressam a ordem divina. A religião imprime uma marca na paisagem através da cultura. A prática religiosa – ida ao santuário, atividade religiosa, o comportamento dos crentes envolvendo as interações espaciais – representa uma das diversas maneiras pelas quais a religião age sobre pessoas e lugares. Espaço e lugar sagrado são os dois temas desta seção.

Os lugares simbólicos são lugares criados pela ocupação humana dos espaços e pelo uso de símbolos para transformar aquele espaço em lugar (Norton, 2000). Tenta-se refletir de modo mais geral sobre o conceito de lugar no sentido de pertencimento numa tentativa de esclarecer melhor as maneiras como são construídas as identidades de lugares e as identidades de pessoas, como indivíduos e como membros de grupos, levando em conta que há uma relação recíproca entre essas identidades, (Rosendahl, 2005).

A preocupação atual dos geógrafos é, basicamente, os lugares como locais de conflitos políticos e simbólicos. Tuan (1980) define o lugar como uma unidade de espaço organizada mentalmente e materialmente para satisfazer as necessidades biossociais básicas, reais ou percebidas, de um povo e, além disso, suas aspirações estético-políticas superiores. Comungando com as idéias de Tuan (1980) e Norton (2000), a reflexão a respeito do conceito de lugar na Geografia Cultural inclui seis pontos:

- sua criação é um ato social; os lugares diferem porque as pessoas os fizeram assim;
- são entidades auto-reprodutivas; as pessoas aprendem e fornecem modelos alimentando determinadas crenças e atitudes;
- a cultura regional não existe separadamente das pessoas que a refazem enquanto a vivem;

- em uma economia capitalista mundial, lugares não são unidades autônomas, possuindo controle independentemente sobre o destino de seus residentes;
- não são simplesmente os resultados não-intencionais de processos econômicos, sociais e políticos;
- são locais potenciais fontes de conflito.

Estas posições teóricas nortearam a pesquisa geográfica recente sobre a construção e manutenção do lugar sagrado (Kong, 1990 e 2001; Park, 1994 e Rosendahl, 2003 e 2005).

O conceito de lugar sagrado identifica-se com o significado cultural do indivíduo ou grupo social religioso. A comunidade religiosa vivencia o lugar a sua maneira, de forma a constituir um ponto fixo em que reencontra suas lembranças (Rosendahl, 2001 e 2005). A experiência da fé, em termos geográficos, deve ser explorada no lugar em que ela ocorre. Este lugar está impregnado de simbolismo e não foi meramente descoberto, fundado ou construído, mas reivindicado, possuído e operado por uma comunidade religiosa, conforme apontam SOPHER (1984), KONG (1990), PARK (1994) e ROSENDAHL (2003 e 2005). Os lugares sagrados são também fornecedores de regras e significados com que os grupos envolvidos encontram sentido para as suas práticas religiosas. As atividades religiosas e seus valores simbólicos estão fortemente relacionados aos lugares sagrados da hierópolis. A organização espacial obedece à lógica do sagrado. Rosendahl (1996, 1999, 2001 e 2005) reconhece as forças simbólicas responsáveis pela manutenção e pela construção do espaço sagrado. A geografia define o espaço sagrado como um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, transpondo-o para um lugar distinto daquele no qual transcorre seu cotidiano. É possível qualificar o espaço sagrado – caracterizado por sua sacralidade máxima, expressa por uma materialidade à qual se atribui grande valor simbólico – e, de outro lado, o espaço profano, em torno do espaço sagrado, caracterizado pela existência de elementos que não possuam sacralidade.

O sagrado irrompe em determinados espaços como revelações hierofânicas, transformando-os qualitativamente em poderosos “centros de mundo significados”, separados do espaço comum, do cotidiano profano (Eliade, 1991). O espaço é ritualmente construído. O real valor de muitos estudos geográficos da religião está em interpretar a lógica do sagrado no espaço, particularmente como ele se transforma ao longo do tempo, pois os diversos locais religiosos, em diferentes religiões e culturas, possuem reconhecidamente uma localização real. Procurando organizar uma classificação que assimilasse essas características, sugerimos uma tipologia

do espaço sagrado segundo sua localização. É possível reconhecer três níveis: o fixo, não fixo – móvel – e o imaginalis. As cidades-santuário envolvem espaço e tempo, fixos – os lugares sagrados – e fluxos – a peregrinação. Trata-se de uma demonstração de fé comum no catolicismo – Roma e Lourdes –; Meca, por sua vez, é a principal hierópolis da peregrinação islâmica; Benares e Mandala – centros sagrados de hindus e de budistas, respectivamente –; Lhasa representa o lugar sagrado do lamaísmo e Kyoto a cidade sagrada para os devotos do xintoísmo.

A história das lutas de classes no lugar sagrado sta registrada por HARVEY (1979), no movimento de construção da Basílica de Sacre-Coeur em Paris. Dominando estratégica e simbolicamente o alto da colina Montmartre, a Basílica tem uma história atormentada. Concebida durante a guerra franco-prussiana, de 1870 a 1871, sua construção era vista como um ato de penitência pela decadência moral do império napoleônico e pelos supostos excessos da Comuna de Paris de 1871. Por parte dos católicos, um movimento forte pela construção da Basílica em função do culto ao Sagrado Coração comandava a aprovação do projeto. Finalmente, em 1882, foi terminada sua construção e consagrada. Harvey acrescenta em seu estudo, que a Basílica esconde os segredos dos que lutaram contra e a favor do embelezamento local, e que o visitante que olha aquela estrutura semelhante a um mausoléu que é o Sacre-Coeur pensaria no que está enterrado ali. O espírito de 1789? Os pecados da França? A aliança entre o catolicismo intransigente e o monarquismo reacionário? O sangue dos mártires como Lecomte e Clement Thomas? Ou o de Eugene Varlin e de aproximadamente 20.000 partidários da Comuna impiedosamente massacrados por ele?

A Basílica, enquanto evocava respostas políticas na época de sua construção, era também vista por muitos como provocação para a guerra civil, permanecendo hoje como símbolo político e religioso.

O estudo de Lewadowski (1984) mostra como, através do hinduísmo e seus símbolos, foi construída no período pós-colonial, uma arquitetura urbana em Madras. A princípio, como tentativa popular de se ligar ao seu passado para reviver e renovar as estruturas históricas do período pré-colonial, reforçando a identidade cultural da tradição hindu.

Os investimentos aplicados pelo governo estadual e nacional serviram para a criação de uma paisagem urbana que fosse ao encontro das necessidades de seus cidadãos contemporâneos e também contribuísse para sua própria legitimação política. Como parte do processo de mudança, realizou-se a troca de nomes de ruas, refletindo agora simbolicamente os heróis populares do passado e do presente da Índia. Foi também feita a construção de estátuas homenageando os escritores e figuras religiosas, em

sua língua clássica, o tâmil, numa substituição da influência colonial inglesa anterior.

O espaço sagrado, não associado necessariamente a uma territorialidade definida, pode ser classificado como espaço sagrado não-fixo. Park (1994) analisa a idéia de espaço sagrado móvel e explora a idéia da Torá. Os judeus mantiveram seu espaço sagrado móvel durante o tempo de exílio e apenas o substituíram por um território real recentemente. Para o povo de Israel a Torá assumia a função de reunir terra, povo e Deus. Os estudos consideram a Torá como espaço sagrado móvel e a indicam como substituto simbólico da perda da identidade política e o exílio verificado durante longo período.

A mobilidade do espaço sagrado no catolicismo popular brasileiro pode ser exemplificada nas festas de São Benedito em Jaraguá, no estado de Goiás. A festa religiosa é a mescla de elementos da Igreja Católica e das tradições populares da cultural local. Na festa verifica-se o “circuito sagrado”. Inicialmente, a casa do festeiro recebe o sagrado, numa comunicação individual do homem com o sagrado. A Imagem do santo – símbolo de poder – é levada em procissão para o altar construído na residência do festeiro, e ali permanece durante a festa. O segundo momento forte verifica-se no final da festa, quando ocorre a saída do sagrado, em procissão, da residência do festeiro, de volta à Igreja, onde permanecerá até a próxima festa, quando se dará a saída da Igreja à para casa do próximo festeiro.

A noção de espaço sagrado vinculado à perspectiva humanística da Geografia focaliza a familiaridade com o lugar e a experiência compartilhada. O processo de auto-identidade, assim como o contato repetido no espaço fornece outro exemplo na tipologia de localização de espaços sagrados. KONG (2001) nos relata o círculo sagrado de Wiccan, cuja comunidade representa um sub-ramo do paganismo associado à feitiçaria. Para o grupo, os monumentos pré-históricos como Stonehenge e Avebury têm energias, poderes e uma qualidade numinosa que os distingue do espaço comum. A concepção de lugar sagrado reside no mundo imaginalis, uma vez escolhida a localização, é criado o círculo sagrado que terá seu tamanho determinado pelo número de participantes; as fronteiras são definidas pela imaginação dos adeptos e não por sacerdotes. Mesmo que não haja um espaço disponível, um feiticeiro pode construir um círculo em sua mente. Outros exemplos tentam captar a “essência espiritual” e a qualidade poética de lugares religiosos, numa constante aprendizagem de vida e de conhecimento. A interpretação do homem, relacionando-o com o mundo a sua volta, a idéia de que existem mais objetos e coisas do que sua aparência superficial – de que existe uma profundidade de sentido –

também foi desenvolvida para se refletir sobre a essência das coisas. Crang (1988) e outros reforçam a tese de que os lugares não são somente uma série de dados acumulados, mas envolvem também intenções humanas.

O sagrado em sua dimensão espacial apresenta várias outras questões interessantes relacionadas às formas e funções. A pesquisa empírica a respeito da manifestação da fé no espaço sagrado vem demonstrando que há uma pluralidade de espaços sagrados numa mesma hierópolis, os quais podem também ser de dois tipos: no primeiro, os espaços sagrados possuem elementos simbólicos da mesma religião do santuário, enquanto no segundo tipo, os espaços sagrados incluem formas espaciais e rituais simbólicos diferentes da religião predominante no centro religioso (Rosendahl, 1999).

No primeiro tipo os espaços sagrados imprimem na paisagem formas espaciais duplas, com dois espaços sagrados: espaço sagrado primário e espaço sagrado secundário. O primeiro contém o locus da hierofania e o segundo tem sua existência decorrente da hierofania original. A localização geográfica permanece fixa através do tempo. A literatura fornece exemplos de hierópolis onde o crescimento contínuo de peregrinos exige expansão física do santuário. Na maioria dos casos ocorre, geralmente, a construção arquitetônica de catedrais ou templos amplos com a função de atender a demanda surgida no centro religioso. A Basílica de Nossa Senhora Aparecida, no estado de São Paulo; a Catedral de Luján, na Argentina; a Basílica de Lisieux, na França, são exemplos pesquisados (Rosendahl, 1999).

A filiação religiosa pluralista no consumo de bens simbólicos em espaços sagrados de diferentes sistemas religiosos permite a coexistência na paisagem religiosa de dois ou mais espaços consagrados. O exemplo ocorre especialmente no tempo sagrado da festa de 15 de agosto, na Igreja da Real Irmandade Imperial do Outeiro de Nossa Senhora da Glória, na cidade do Rio de Janeiro. No alto da colina, está o espaço sagrado do catolicismo com suas atividades e práticas religiosas dentro da Igreja. Nas alamedas de acesso e próximo às escadarias na parte alta da colina, os devotos do candomblé recriam seus espaços sagrados, pois este tempo sagrado é festejado por ambos os grupos.

A variação no espaço-tempo do fluxo de peregrinos bem como a maior ou menor intensidade dos fluxos qualificam a força propulsora do sagrado no lugar. O fenômeno da peregrinação fornece uma variedade de escalas local, regional e internacional. A pesquisa empírica vem demonstrando ser possível classificar as hierópolis quanto (a) tipos de localização e (b) gênese de cada tipo. Rosendahl (1996, 2003) aponta cinco tipos diferentes de localização: (i) em núcleos rurais; (ii) em pequenas

idades da área rural; (iii) entre centros metropolitanos; (iv) na metrópole e (v) nas periferias metropolitanas. No que se relaciona à gênese do lugar sagrado, o tempo de criação está fortemente ligado à conjuntura política do período de criação. Existem santuários antigos que surgiram há 2300 anos, aproximadamente, como o surgido no Vale de Ohio, vinculado à antiga cultura pagã, ou em pleno século XX, em 1996, como o de Nossa Senhora do Sertão Central, em Quixadá, Ceará/Brasil. A denominação, numa classificação em três grandes grupos, é: santuários antigos, recentes e muito recentes. A espacialidade dos santuários católicos brasileiros, a partir do século XVI, foi relacionada por Rosendahl (1994).

Os exemplos são múltiplos e já há bastante relatos em estudos anteriores. Hoje o interesse e a demanda por práticas religiosas crescem favorecendo a oferta plural de orientação religiosa.

Para não concluir...

Comungamos com os geógrafos que admitem que a religião pode ser de fundamental importância para a interpretação das diversas configurações espaciais. O sagrado, como manifestação cultural, afirma-se no lugar, no espaço, no território, na paisagem e na região. Ocorre no tempo cotidiano e no tempo sagrado. (Rosendahl, 2003).

Na concepção tradicional do estudo da materialização do sagrado defendida por EIADE (1962), o poder milagroso sta no espaço sagrado, lócus da hierofania revelada nas coisas, árvores, objetos e pessoas. O peregrino busca o sagrado neste espaço, lugar fortemente impregnado das revelações do divino. A fé de caminhar implica na obtenção da transcendência. Na concepção pós-moderna, o poder milagroso estaria dentro do devoto, no domínio da emoção e do ser espiritual, mas só se manifestaria na vivência espiritual no lugar sagrado. O peregrino possuidor dessa força que se manifesta na vivência do espiritual, no lugar ritualmente apropriado para tal manifestação, necessita deslocar-se para o lugar sagrado. A santidade contemporânea, para ambas as correntes, encontra-se no lugar sagrado. Os caminhos são múltiplos para os geógrafos. A questão central é o estudo do espaço e do lugar sagrado. Oxalá o interesse estenda-se para além das pessoas e seus sistemas de crenças.

Referências Bibliográfica:

- BERGER, P. (1985) O Dossel Sagrado: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião. Tradução por J. C. Barcellos, São Paulo: Paulinas.
- CLAVAL, P. (1992) Le Thème de la Religion dans lês Études Géographiques. In: *Geographie et Cultures*. Paris, n° 2, pp. 85-111.
- CRANG, M. (1998) Humanisms, Science and Spirituality – Place or Space? *Cultural Geography*, p. 104-119.
- DEFONTAINES, P. (1948) *Géographie et Religions*. Paris: Gallimard, 4.a ed.
- DOUGLAS, M. (1976) Pureza e Perigo. Tradução por Mônica Siqueira Leite de Barros e Zilda Zakia Pinto. São Paulo, Perspectiva
- DURKHEIM, E. (1968) *Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse: Le Système Totémique en Australie*. 5ª ed. Paris, PUF.
- ELIADE, M. (1959) *Traite d’Histoire des Religions*. Paris, Payot.
- _____. (1962) *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*. Tradução por Rogério Fernandes. Lisboa, Edição Livros do Brasil.
- _____. (1991) *Imagens e Símbolos. Ensaio sobre o Simbolismo Mágico-Religioso*. Tradução por Sonia Cristina Tamer. São Paulo, Martins Fontes.
- FICKELER, P. (1947) Grundfragen der Religionsgeographie. In: *Revista Espaço e Cultura (versão na língua portuguesa)*, Rio de Janeiro, NEPEC, UERJ, n. ° 7, 1999, 7-35pp.
- HARVEY, D. (1979) Monument and Myth. *Annals of the Association of American Geographer*. Washigton, 69(3), p. 363-381.
- KONG, L. (1990) *Geography and Religion: Trends and Prospects*. *Progress in Human Geography*, London, n° 14 (3), pp. 355-71.

- _____. (2001) Mapping “New” Geographies of Religion: Politics and Poetics in Modernity. *Progress in Human Geography*, London, n° 25 (2), pp. 211-33.
- LEWANDOWSKI, S. K. (1984) The Built Environment and Cultural Symbolism in Post-Colonial Madras. In: AGNEW, J. A. Et all, (org.) *The City in Cultural Context*. Bostos: Allen and Unwin, p.237-54.
- NORTON, W. (2000) *Cultural Geography: themes, concepts, analyses*. Oxford University Press
- OTTO, R. (1992) *O Sagrado*. Lisboa, Edições 70
- PARK, C. C. (1994) *Sacred Worlds. An Introduction to Geography and Religion*. London, Routledge.
- ROSENDAHL, Z. (1994) *Porto das Caixas. Espaço Sagrado da Baixada Fluminense*. São Paulo. Departamento de Geografia, USP. Tese de Doutorado.
- _____. (1996) *Espaço e Religião: Uma Abordagem Geográfica*. Rio de Janeiro, EDUERJ, NEPEC-UERJ.
- _____. (1997) *O Sagrado e o Espaço*. In: CASTRO, I.E., GOMES, P.C. e CORRÊA, R.L. (org.) *Explorações Geográficas*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil.
- _____. (1999) *Hierópolis: O Sagrado e o Urbano*. Rio de Janeiro. v. 3. Coleção Geografia Cultural. Rio de Janeiro: EdUERJ. 110 p.
- _____. (2001) *Espaço, Política e Religião*. In: *Religião, Identidade e Território*. ROSENDAHL, Z e CORRÊA, R.L. (org.). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- _____. (2003) *Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise*. In: *Introdução à Geografia Cultural*. CORRÊA, R.L. e ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil

- _____. (2005) Território e Territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião In: Geografia Temas sobre Cultura e Espaço, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. 226p.
- SOPHER, D. (1967). Geography of Religions. Englewood Cliffs, Prentice Hall.
- _____. (1984). Geography of Religions. Progress in Human Geography. London, nº 5 (4), pp. 511-24.
- SORRE, M. (1957) Rencontres de la Géographie et de la Sociologie. Paris: Librairie Marcel Rivière et Cia.
- TUAN, Y. F. (1978) Sacred Space. Exploration of an Idea. In: Dimension of Human Geography, org. por K. BUTZER. Chicago, Department of Geography / The University of Chicago. pp. 615-632.
- _____. (1980) Topofilia. Tradução por Livia de Oliveira. São Paulo, Difel.
- WEBER, M. (1964) Economía y Sociedad. México e Buenos Aires. Fondo de Cultura Económica.
- WUNENBURGER, J. J. (1996) Le Sacré. Paris, PUF (Collection Que Sais-Je?).

“GEO-WORKING PAPERS” – NORMAS DE PUBLICAÇÃO

1. Os “GEO-Working papers” encontram-se abertos à colaboração científica no domínio da Geografia e disciplinas afins.
2. Os “GEO-Working papers” são constituídos por duas séries: Série Investigação e Série Educação.
3. Os “GEO-Working papers” publicam artigos em português, francês, inglês e espanhol.
4. As opiniões e conceitos emitidos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.
5. Os originais submetidos serão apreciados pela comissão editorial, que pode recorrer a especialistas das áreas científicas a que os textos se referem, reservando o direito de aceitação dos mesmos.
6. É aos autores que cabe obter autorização para reproduzir material sujeito a direitos de autor.
7. Os “GEO-Working papers” são publicados em papel, estando, simultaneamente, disponíveis on-line.
8. Os artigos devem apresentar uma dimensão entre 10 e 20 páginas A4, incluindo a bibliografia e as figuras e quadros.
9. Normas para a apresentação de originais:
 - 9.1. Dos originais submetidos a apreciação, deverão ser enviadas 1 cópia em papel, a 1,5 espaços, corpo 12 e com margens de 2,5 centímetros e uma cópia em formato digital. Deverá constar juntamente um resumo que contenha o essencial do artigo (cerca de 700 caracteres para o resumo na língua do artigo e 2000 caracteres para o resumo noutra língua - português, inglês ou francês), além de palavras-chave nas duas línguas.
 - 9.2. Os originais devem conter, em nota de rodapé na 1ª página, o endereço profissional do(s) autor(es), o cargo e instituição a que pertence(m), número de telefone, fax e e-mail.

10. Normas para a bibliografia:

10.1. Na bibliografia devem estar presentes todas as referências citadas no texto e somente estas. As referências bibliográficas deverão ser elaboradas em função dos modelos seguintes:

BURROUGS, B. (1999) – Development and urban growth, *in* D. Peters (ed.), *Unequal partners*, AAST Press, London.

ROGERS, A.; TAYLOR, N.; GOLDSMITH, G. (1998) – *The politics of rural environments*, Hutchinson, London.

SARAIVA, A.; PIRES, J.; MOREIRA, V. (2002) – Recomendações para a proteção e estabilização dos cursos de água, *Revista da Faculdade de Ciências*, 21(2), Lisboa: 187-222.

10.2. O apelido dos autores citados no texto deverá ser escrito em maiúsculas, sem sublinhado, seguido do ano de publicação. Quando forem citados em bibliografia dois ou mais autores com o mesmo apelido, dever-se-ão incluir as iniciais do primeiro nome. Se existirem mais de dois autores, citar-se-á só o primeiro seguido de *et al.*

11. Os autores dos artigos receberão 5 cópias do “GEO-Working papers”.

Envio de correspondência para:

GEO-Working papers

Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento

Instituto de Ciências Sociais

Universidade do Minho

Campus de Azurém

4800-058 Guimarães

tel. 351-253-510560

fax 351-253-510569

e-mail: j.sarmento@geografia.uminho.pt
vieira@geografia.uminho.pt